

Terra da Gente

CONHECER E CONSERVAR PARA COMPARTILHAR A VIDA

CACTOS

Fontes de comida e remédio para homens e animais



MÃO PELADA

Um malandro brasileiro que tem dedos leves mas não rouba



VIAJE PARA A
AMAZÔNIA
COM NOSSA
EQUIPE

BORBOLETAS

Saiba como ter ao seu redor este mundo colorido, atração para os ecoturistas e fonte de renda



A família das sem-folhas

Evaristo Eduardo de Miranda

A característica mais comum das cactáceas é a ausência de folhas, com exceção de certas plantas das subfamílias Pereskioideae e Opuntioideae. A fotossíntese ocorre diretamente nos ramos e troncos jovens da planta. Essa grande família de plantas perenes, dominadas por árvores e arbustos adaptados a climas extremos – de zonas geladas a semi-áridos e ambientes ensolarados – conta com 87 gêneros e cerca de 2 mil espécies, segundo alguns autores e 108 gêneros com até 5 mil espécies, segundo outros. As cactáceas são exclusivas das Américas, mas foram introduzidas muito cedo – e se ‘naturalizaram’ – no sul e norte da África, na Europa mediterrânica e na Austrália, onde hoje o gênero *Opuntia* marca a paisagem.

Os cactos sempre interessaram os botânicos, pois combinam características de plantas primitivas com flores pouco especializadas e órgãos vegetativos muito evoluídos. Sua classificação é difícil,

existem muitas subespécies e diferenças sutis, gerando dúvidas que só são dirimidas durante o florescimento ou frutificação. Mesmo sem ter certeza quanto ao nome, todos os gêneros são cultivados. E colecionadores sempre criam novas plantas, inclusive de cruzamentos entre gêneros, prática que só tem paralelo no caso das orquídeas.

No Brasil, diversas plantas com espinhos e em forma de candelabro são chamadas de cactos, mesmo se não pertencem a essa família, caso de certas eufórbias com látex, originárias do semi-árido de Madagascar. Além das cactáceas existem mais duas grandes famílias de plantas suculentas: aizoáceas (flor-do-meio-dia, folha-de-gelo e planta-pedra ou pedregulho) e crassuláceas (bálsamo, calancói e sempre-vivas).

Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em Ecologia e pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite

Os cactos brotam tanto nas rochas altas quanto à beira d'água

cos alemães, já então especializados nessa família pan-americana: Lothar Diers e Pierre J. Braun. Juntos, eles inclusive questionaram a forma de classificar cactos, desenvolvendo uma metodologia mais apropriada para as espécies brasileiras.

“Saí pelos cerrados goianos – já que moro em Goiânia – e fui encontrando e coletando uma porção de cactos diferentes. Comecei a estudar e tentar identificar as espécies e percebi que a maioria não havia nem sido descrita, eram espécies novas. Então me associei a dois botânicos internacionais, já que àquela altura todas as coleções de tipos (espécimes usados para descrever a espécie) estavam no exterior, e comecei a trabalhar com taxonomia”, conta. A primeira coleta foi em 1973 e, dois anos depois, Esteves já descrevia a primeira de uma longa lista de espécies novas, então chamada *Austrocephalocereus estevesii* e hoje renomeada como *Sicobaccatus estevesii*.

A paixão virou uma história de amor sem fim, cujo último fruto foi a espécie *Cereus estevesii*, descrita em 2003. Todos os cactos descobertos em Goiás foram encontrados por ele e são mais de 20 espécies. As coletas se estenderam por todos os ecossistemas brasileiros, onde quer que os espinhosos ‘amigos’ brotem. “Temos cactos amazônicos e cactos que nascem na beira do Pantanal. Temos espécies em rochas, no pico das montanhas e em ilhas, no nível do mar. É um engano achar que os cactos brasileiros se concentram no semi-árido nordestino, eles ocorrem em todo tipo de ecossistema”, observa Esteves. “Temos gêneros inteiramente brasileiros como *Arthrocerus* e gêneros pan-americanos, caso de *Opun-*



Opuntia palmadora

E. E. DE MIRANDA